

IFTO, CULTURA E COMUNIDADES INDÍGENAS: INTERCÂMBIO PARA A CONSTRUÇÃO DE SABERES

IFTO, CULTURE AND INDIGENOUS COMMUNITIES: EXCHANGE FOR THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE

Márcia Moreira Custódio

Instituto Federal do Tocantins Campus Avançado Formoso do Araguaia (IFTO)
marciamcustodio72@gmail.com

Francisco Welton Silva Rios

Instituto Federal do Tocantins Campus Avançado Formoso do Araguaia (IFTO)
francisco.rios@ifto.edu.br

Resumo: *Este relato tem como objetivo apresentar experiências de atividades extensionistas do Instituto Federal do Tocantins Campus Avançado Formoso do Araguaia, desenvolvidas em duas aldeias indígenas javaé da Ilha do Bananal (TO), envolvendo servidores e alunos dos Cursos Técnico Concomitante em Informática e em Agricultura do IFTO e a população indígena da aldeia Canuanã e da Aldeia Boa Esperança. Objetivando promover a reflexão sobre os aspectos identitários do formosense, por meio dessa troca de experiências, vivenciamos o cotidiano indígena, conhecendo práticas culturais, forma de interação e o processo educacional.*

Palavras-chave: *Instituto Federal do Tocantins Campus Avançado Formoso do Araguaia; Aldeia Canuanã; Aldeia Boa Esperança*

Abstract: *This report aims to present experiences of extension activities of the Federal Institute of Tocantins Campus Advanced Formoso do Araguaia, developed in two indigenous villages of Javaé Island Bananal (TO), involving servers and students of the IFTO Concomitant Technical Courses in Informatics and Agriculture and the indigenous population of Canuanã village and of Boa Esperança Village. Aiming to promote reflection on the identity aspects of the Formosense, through this exchange of experiences, we experience the indigenous daily life, knowing cultural practices, form of interaction and the educational process.*

Key-words: *Federal Institute of Tocantins Campus Advanced Formoso do Araguaia; Canuanã village; Boa Esperança Village*

Prolegômenos Contextuais

O IFTO *Campus* Avançado Formoso do Araguaia

O *Campus* Avançado Formoso do Araguaia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO) encontra-se sediado desde 2015 no município de Formoso do Araguaia. A instituição oferece cursos técnicos em Agricultura e Informática, na modalidade subsequente e, ainda, disponibiliza variados cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC)¹ para a comunidade local.

Os temas transversais, como parte integrante obrigatória de todas as ementas dos componentes curriculares dos cursos técnicos oferecidos, estão na pauta dos planejamentos, culminando no desenvolvimento de projetos relacionados a cada tema, respeitando o previsto no art. 13 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Portanto, abordando diversidade cultural, educação e direitos humanos, o IFTO *Campus* Avançado Formoso do Araguaia, em consonância com a Leis nºs 10.639/2003 e 11.645/2008, Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de Junho de 2004, Educação para as relações etnicorraciais, em

¹ Os cursos FIC no IFTO - *Campus* Avançado Formoso do Araguaia são ofertados continuamente, buscando atender às demandas da comunidade local. Dentre eles, estão o de Auxiliar em Orientação Educacional; Normalização de Trabalhos Técnico-Científicos; Informática e Novas Tecnologias; Princípios e Aplicações da Agroecologia; Inglês Básico; Auxiliar de Biblioteca; Informática Básica; Introdução ao Linux; Português Instrumental e Redação Técnica; Introdução ao Estudo de Agricultura; Redes de Computadores; Formação, Classificação e Fertilidade do Solo; e Matemática Aplicada às Ciências Agrárias.

suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, desenvolve projetos com temáticas indígenas. E tal prática se torna um imperativo, sobretudo por estar localizado num município que conta com uma expressiva população indígena, constituindo-se em campo pródigo para aprendizado recíproco mediante pesquisas e ações que tragam benefícios concretos à comunidade. Desse modo, pensando no intercâmbio de saberes com as aldeias indígenas da região, construímos a ação “Conexão IFTO-Comunidades indígenas”, como parte do projeto “Memória, Escrita e Identidade: como Formoso é formoso!”.

O projeto “Memória, Escrita e Identidade: como Formoso é formoso!” vem proporcionando oportunidades de encontro e trocas de saberes entre o IFTO e as comunidades do entorno, privilegiando atividades interdisciplinares.

Considerando que dos 13.425,95 km² da área do município de Formoso do Araguaia cerca de 63% da extensão territorial correspondem à Ilha do Bananal, com área de 8.452,51 km², estando toda esta região circunscrita como Terra Indígena, a pertinência no desenvolvimento de trabalhos voltados para a realidade local perpassa pela identidade indígena.

Para começo de conversa, é importante, primeiramente, caracterizar a Ilha do Bananal e as etnias indígenas que a povoam.

A Ilha do Bananal: breves considerações

Tida como a maior ilha fluvial do mundo, a Ilha do Bananal, com cerca de 20 mil km² de extensão (1.916.225 hectares), é contornada pelos rios Araguaia e Javaés. Abrangendo o Estado do Tocantins, também faz fronteiras com os estados de Goiás Mato Grosso e Pará. De acordo com informações inscritas no catálogo do *Plano Operativo de Prevenção aos Incêndios Florestais: Município de Formoso do Araguaia (TO)*, produzido pelo *Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA* (2013, p. 6), “[...] No município de Formoso do Araguaia (TO) encontra-se 44% da Ilha do Bananal, abrigando [...] ao norte o Parque Nacional do Araguaia e, ao sul, duas reservas indígenas: Karajás e Javaés”. Siqueira (2015, p. 11), com sua obra *Ilha do Bananal: fotografia e textos*, levanta o quantitativo das aldeias da Ilha do Bananal, citando as aldeias Javaé Waritaxi, São João, Wari-Wari; Boto-Velho, Txuiri; Txióde, Barra do Rio Verde, Boa Esperança, Barreira Branca, Wotuni, Canuanã, e Imotxi, e as aldeias Karajá Santa Isabel do Morro, Fountoura, Macaúba, Mirindiba, Tytema, Itxala, JK, Watau, e Axiwé.

Quanto aos aspectos socioculturais, historicamente a Ilha do Bananal está dividida territorialmente de forma diferente à divisão político-administrativa, de tal forma que se podem diferenciar no espaço estas duas etnias: Karajá e Javaé. Ambas correspondem ao povo Iny, povos que pertencem ao tronco linguístico Macro-Jê, família linguística Karajá. Tradicionalmente coletores e pescadores, sempre habitaram as margens do rio Araguaia. Segundo consta no catálogo do IBAMA (2013, p. 7),

[...] a separação entre o território Karajá e Javaé, dentro da Ilha do Bananal, é feita pelos rios Jaburu e Riozinho, que cortam a Ilha pelo meio, em sentido longitudinal. À oeste de ambos os rios, situa-se o território Karajá; o território Javaé corresponde às terras localizadas à leste do Jaburu e Riozinho.

Sobre as expressões das tradições culturais desses povos indígenas, manifestam-se nas pinturas aplicadas no corpo, por ocasião de festividades e do ritual de passagem masculina que marca a entrada para a fase adulta, conhecida como Hetohoky; na confecção de arte plumária dos Javaé (confecção de haretôs, colares, brincos, braçadeiras e tornozeleiras), com penas de aves comuns da região, geralmente domesticadas, e que os caracteriza como o povo da arte plumária; na arte da cerâmica dos Karajá (potes, pratos, tigelas e bonecas ornamentais), em que as mulheres artesãs produzem tradicionais bonecas ritxokô vendidas como artesanato, miniaturas de animais existentes da Ilha, figuras míticas e peças que retratam o cotidiano da comunidade, na cestaria, que serve para transporte e armazenamento de mantimentos, e nos cantos executados pelos homens.

Uma vez que abordaremos nossa visita a duas aldeias Javaé, a Canuanã e a Boa Esperança, é válido trazer uma curiosa informação a respeito da aldeia Canuanã, encontrada no catálogo do

IBAMA (2013, p. 7):

A aldeia Canoanã é a mais antiga de todas as aldeias recentes do subgrupo Javaé. Ela surgiu na década de 1950, a partir de conflitos entre os índios e alguns proprietários rurais. Assim, integrantes do subgrupo Javaé agruparam-se a 2km, rio acima, da sede da fazenda da Fundação Bradesco, local que se estabeleceram a aldeia Canoanã. Vale lembrar que nesse local anteriormente existiu a extinta aldeia Kanoanô. Em 2005, a aldeia Canoanã possuía 60 famílias, com aproximadamente 308 habitantes, em sua maioria do subgrupo Javaé (cerca de 272 pessoas).

Os recentes dados demográficos, de 2017, levantados pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), polo Formoso do Araguaia, apresentam uma população de 403 moradores na aldeia Canuanã. A aldeia Boa Esperança, pertencente ao município de Lagoa da Confusão, conta hoje com 61 pessoas residentes. Ambas se localizam a 60 km e 103 km, respectivamente, da sede do município de Formoso do Araguaia.

Justificativa

Abordando as práticas culturais indígenas, a ação “Conexão IFTO-Comunidades indígenas”, parte integrante da metodologia do projeto de extensão “Memória, Escrita e Identidade: como Formoso é formoso!”, desenvolve atividades de extensão que buscam uma educação voltada para o fortalecimento identitário que aproxima o fazer pedagógico do *Campus* à realidade indígena do entorno. A forte presença indígena na região e no ambiente institucional do IFTO confere ao *campus* um perfil singular. No entanto, notamos que os alunos indígenas encontram muitas dificuldades e entraves de adaptação, levando-os ao trancamento de matrícula e mesmo ao abandono da instituição. Compreendemos que uma das razões para esse problema pode ser a falta de mais interlocutores em condições de participar de um esforço de melhorar o acompanhamento desses alunos dentro dos marcos culturais próprios da etnia indígena participante do projeto. Na perspectiva de proporcionar exercícios de troca de conhecimentos para a construção de valores, a ação “Conexão IFTO-Comunidades indígenas” visa a propiciar o diálogo intercultural. Conviver hodiernamente com os indígenas, instigou-nos a querer conhecer a cultura desse povo, caracterizada não só pela língua falada em dialeto próprio, como também nas expressões artísticas identificadas nas pinturas corporais, nas vestimentas de festas, no apego às tradições em seus rituais, nos traços físicos, no modo de convivência etc. Desse modo, a ação promove o estreitamento das relações e o aprendizado, em especial da cultura do povo Javaé, cuja presença dentro do próprio contexto institucional do IFTO por si só fundamenta seus propósitos.

Objetivos

O trabalho teve como objetivo desenvolver ações educativas em duas aldeias Javaé, com vistas a propor reflexões sobre o processo de formação da identidade formosense, que traz em seu bojo a presença e a influência dos povos indígenas da Ilha do Bananal, do estado do Tocantins, bem como difundir e valorizar as experiências cotidianas do grupo Javaé, através de suas manifestações culturais e ações políticas, tomando como espaço de interlocução as Escolas Estaduais de Ensino Fundamental e Médio (EEMF) das aldeias, a Escola Indígena Taina, e Escola Indígena Watakuri. A primeira fica localizada no município de Formoso do Araguaia-TO e a segunda no município de Lagoa da Confusão-TO. (Re)conhecer-se dentro de uma diversidade como parte de um meio fortemente marcado pela cultura dos povos indígenas do Tocantins, particularmente da Ilha do Bananal, convida-nos a entender a influência dessa diversidade na própria formação identitária. Nessa empreitada, a educação atua como meio de (trans)formação cidadã, pois estimula a construção, o resgate e a preservação da memória e da cultura de um povo. O desenvolvimento deste trabalho etnográfico envolveu as lideranças das comunidades indígenas, os docentes, técnico-administrativos e estudantes das referidas escolas, levando à reflexão de temas como miscigenação,

cultura, organização de grupo, memória e território.

Metodologia

Por constituir-se parte de um projeto da área das Ciências Humanas que se configura nos moldes da pesquisa básica estratégica de caráter exploratório-descritivo, estas ações extensionistas refletem propósitos específicos do trabalho. De acordo com Gil (2010, p. 27), a pesquisa básica estratégica consiste em “pesquisas voltadas à aquisição de novos conhecimentos direcionados a amplas áreas com vistas à solução de reconhecidos problemas práticos”. Justifica-se quanto aos objetivos exploratórios, pois, na esteira de Gil (2010, p. 27), “proporciona maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”, uma vez que é realizada em área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado. Ainda, nas trilhas desse autor, no que tange à pesquisa descritiva, o método se justifica, pois tem “como objetivo a descrição das características de determinada população” (GIL, 2010, p. 27).

Dentro desta perspectiva, o objeto de estudo é evidente, em função das suas bases conceituais, pois se constitui para a produção e potencialização do sentimento de pertencimento da população de Formoso do Araguaia-TO, no qual estão focadas a relação de afeto deste povo com o ambiente, com a manutenção das suas memórias e construção da sua identidade, sendo a cultura indígena base primordial para a constituição da identidade formosense. Para tanto, foi utilizada a análise bibliográfica e documental, pois, como ressalta Gil (2010, p. 30), “a pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos” e a documental tem o intuito de levantar os dados documentais que possibilitam o entendimento de informações a respeito de um assunto, em um determinado contexto histórico. As duas análises, portanto, viabilizam o levantamento de características da vida social de determinado grupo ou comunidade.

Análise de execução

A visita à Aldeia Canuanã

No dia 10 de março de 2016, acompanhados por Robson Javaé, membro da aldeia, realizamos nossa primeira visita à Aldeia Canuanã, para fins de conhecimento da realidade local e ambientação com a comunidade. Nesse dia duas alunas do Curso Técnico em Agricultura do *Campus Avançado Formoso do Araguaia* do IFTO nos acompanharam. Um evento marcante da ocasião foi a nossa impressão frente à imensidão de água no rio Javaés. Pela primeira vez atravessaríamos um rio de canoa. As duas crianças indígenas que acompanhavam o barqueiro, meninas entre 4 e 5 anos, deixaram-nos extasiados, tamanha a tranquilidade com que se moviam, enquanto ficávamos duros, segurando as bordas da canoa, temendo jacarés e piranhas. Beirava às 09:00 da manhã quando pisamos na Ilha do Bananal.

Fomos recebidos por Canarinho, sobrinho do cacique, que nos guiou durante toda a visita. Primeiro fomos levados à casa do cacique, para quem fomos apresentados. Em seguida, andamos pelo vilarejo, parando aqui e ali para explicações e apresentações, na maioria a homens. Notamos que as mulheres não se dirigiam diretamente a nós, até mesmo com o olhar. Nós é que sempre iniciávamos os diálogos com elas. Se nos atendiam em alguma demanda, faziam-no mediante o pedido de um homem. Isso nos deixou um pouco inquietos, pois não entendíamos se o faziam por prazer ou por dever. Era dia de aula na única escola da Aldeia, Escola Indígena Tayná, de ensino fundamental e médio. Fomos recebidos pelo diretor, Manoel Karajá, que nos apresentou aos alunos e professores, mostrando a estrutura e o material didático trabalhado na instituição. A situação que nos chamou a atenção o exercício da educação bilíngue, ou seja, os alunos aprendem tanto no dialeto javaé, com professores indígenas, quanto na língua portuguesa, levando-nos a refletir sobre a prática didática para os indígenas na esfera da educação pública federal, que não leva em consideração a realidade do bilinguismo. A educação bilíngue na realidade indígena, em sala de aula, consiste na valorização da língua, na preservação da memória, na contribuição para afirmação da identidade e da cultura desse povo.

Numa sala bem organizada funcionava o laboratório de informática da escola, porém há tempos não atendia plenamente aos propósitos de conectar a aldeia ao mundo por ter grande parte dos computadores parados, com defeito. Da mesma forma se encontrava a biblioteca, cuja aparência aproximava-se à de um depósito. Além de não apresentar uma estrutura adequada para

comportar leitores, os livros estavam dispostos desorganizadamente e, as poucas obras relacionadas à realidade indígena, não traziam textos escritos no dialeto javaé. Na despedida, recebemos alguns trabalhos produzidos pelos alunos na aula de Artes e combinamos um retorno à aldeia levando os alunos do IFTO (Foto 1).

Foto 1 – Pintura em casco de tartaruga



Fonte: Arquivo fotográfico dos autores.

Foto 2 – Pintura corporal na Aldeia Canuanã



Fonte: Arquivo fotográfico dos autores.

No dia 11 de abril voltamos junto com os alunos do IFTO *Campus* Avançado Formoso do Araguaia e fomos recebidos calorosamente pela comunidade indígena Canuanã. Foram momentos de grande aprendizado para todos. Muitas situações ficaram marcantes como a travessia do rio Javaés, a partida de futebol entre as mulheres da Aldeia contra as alunas do IFTO, a pintura corporal, a presença constante das crianças durante todo o trajeto de visita na Aldeia. Fomos levados a espaços considerados sagrados pelos indígenas, como o cemitério e a Casa dos Homens. Este último congrega objetos sagrados que, pela tradição indígena, não podem ser conhecidos pelas mulheres (Foto 2). Por isso, não se permite a presença feminina, sendo levados apenas os alunos, enquanto as alunas foram receber a pintura corporal, cuja tinta é feita com jenipapo. Segundo a tradição, a mulher que adentra aquele espaço pode receber uma punição muito severa.

No dia seguinte, 12 de abril, foi a vez de recebermos no IFTO *Campus* Avançado Formoso do Araguaia a visita dos indígenas. No turno vespertino, aberto ao público externo, no auditório do IFTO aconteceram apresentações culturais e palestras que abordaram temas ligados diretamente à questão indígena, como Matopiba, PEC 215, bilinguismo e interculturalidade, ações afirmativas, preservação cultural e afirmação identitária indígena, preconceito (Foto 3).

Foto 3 – Palestra ministrada por Robson Javaé



Fonte: Arquivo fotográfico dos autores.

Foto 4 – Dança indígena



Fonte: Arquivo fotográfico dos autores.

O momento mais marcante foi a apresentação de uma dança de ritual realizada pelos indígenas (Foto 4). Em homenagem aos indígenas dessa Aldeia, foi apresentado um vídeo produzido pelos alunos do IFTO *Campus* Avançado Formoso do Araguaia, que se encontra disponibilizado na página <<https://www.youtube.com/watch?v=JjUhF-3kdUo>>. No mesmo dia, no turno noturno, Donizete Javaé, também oriundo da Aldeia Canuanã, ministrou uma palestra para a comunidade interna e externa do IFTO, na qual abordou tradições e transformações culturais na modernidade.

A execução desta ação de intercâmbio buscou promover a formação de uma consciência

crítica e reflexiva da comunidade de Formoso do Araguaia em relação às atitudes e posturas frente ao multiculturalismo local. Compreender a contribuição do indígena na construção da história e da própria identidade abre possibilidades de se discutir questões relativas às políticas públicas voltadas para os indígenas e problematizar a valorização do indígena no município.

Essa ação de intercâmbio resultou em acordos de realização de atividades interdisciplinares indicadas em função de interesses das comunidades envolvidas. Previsto para o segundo semestre de 2017, o IFTO *Campus* Avançado Formoso do Araguaia ofertará um curso de Formação Inicial e Continuada (FIC), de Manutenção de Computadores, somente para alunos indígenas dessa Aldeia.

A visita à Aldeia Boa Esperança

No dia 28 de março de 2017, acompanhados pelo cacique Micael Javaé, fizemos a primeira visita à Aldeia Boa Esperança para o reconhecimento do local e estreitamento de laços entre Aldeia e o Instituto (Foto 5). Acompanhou os servidores do IFTO *Campus* Avançado Formoso do Araguaia, professora Márcia Moreira Custódio e o bibliotecário Francisco Welton Silva Rios, a aluna de monitoria do Curso Técnico em Informática Adriana Sanches da Silva,.

Foto 5 – Servidores do IFTO *Campus* Avançado Formoso do Araguaia com membros da Aldeia Boa Esperança



Fonte: Arquivo fotográfico dos autores.

Foto 6 – Na canoa rumo a Aldeia Boa Esperança



Fonte: Arquivo fotográfico dos autores.

Dias antes da saída com os alunos, de forma interdisciplinar, foram abordados com os alunos temáticas relativas à questão indígena. Interessante foi sabermos que muitos alunos nascidos no município de Formoso do Araguaia nunca haviam tido a oportunidade de conhecer a Ilha do Bananal e nem visitado uma aldeia. Reconhecemos com isso que os valores locais que perpassam a formação da identidade precisam ser potencializados. Para nossa chegada à Aldeia, no dia 17/04, além de o transporte ter sido feito por meio do ônibus institucional, foi necessário o uso de canoa, tendo em vista que o rio Javaés encontrava-se no período de cheia, obrigando-nos a usar coletes salva-vidas, pois o percurso para se chegar a Aldeia Boa Esperança demandava um longo trecho de rio (Foto 6).

Chegando lá, o coordenador da EEFM Watakuri, Célio Siqueira Sales, apresentou a escola e explicou os trabalhos desenvolvidos com os alunos indígenas que visam à valorização da memória e identidade. Um deles é o Projeto Trilha Ecológica – Aldeia Boa Esperança, cujo objetivo é a realização de um percurso pelas matas nativas ao leito do rio Javaés, no reconhecimento das árvores típicas da região que estão presentes e ligadas diretamente à cultura do povo Javaé. Chamou-nos a atenção a estrutura da escola, com apenas duas salas de aula e uma cozinha. O coordenador explica que as salas são multisseriadas e as aulas são ministradas na língua portuguesa. A mãe do cacique, demonstrando preocupação com a preservação da língua e da cultura na comunidade, solicita-nos a construção de uma cartilha no dialeto usado por eles, para ser trabalhado na alfabetização dos alunos da Aldeia. prontamente assumimos esse compromisso. O projeto será desenvolvido a partir do segundo semestre de 2017.

Ao saber que grande parte da turma era do curso Técnico em Agricultura, o cacique prepara uma atividade de trilha, a fim de nos levar para conhecer a roça de toco, cultivo que aprenderam

com os antepassados, para que compreendêssemos o modo de plantio da comunidade (Foto 7). Então, junto com alguns homens e crianças, o cacique nos levou mata adentro, parando em alguns pontos para narrar eventos, mostrar cultivos, explicar o solo, alagados etc. Quando um grupo se afastava, por assobios faziam a comunicação de sua posição na mata. Foi uma grande ventura!

Foto 7 – Trilha para conhecer a roça de toco



Fonte: Arquivo fotográfico dos autores.

Foto 8 – Banho no rio Javaés



Fonte: Arquivo fotográfico dos autores.

No retorno da trilha, os alunos do IFTO *Campus* Avançado Formoso do Araguaia participaram com as crianças da comunidade da “Brincadeira do buraco”, uma atividade que, segundo o cacique Micael, faz parte do ritual do Aruanã. A brincadeira consistiu em evitar que os meninos (homens) pegassem uma prenda enterrada cerca de meio metro da terra. Todos posicionados sob o local da prenda, iniciou-se uma disputa na qual as mulheres deveriam impedir que os homens desenterrassem a prenda. Permitia-se, no máximo, empurrões por parte das mulheres. A certa altura da brincadeira, foi lançado água sobre o local da prenda, formando um barro que pôde ser usado pelos participantes para afastar o oponente. Nesse momento, todos, tanto homens quanto mulheres, puderam usar esse barro para se defender. Por fim, os meninos conseguiram pegar a prenda, pois as mulheres não suportavam mais tanta sujeira. Nessa brincadeira, todos ficaram muito sujos de barro e aconteceu muita aproximação, pois, enquanto um tentava afastar, outro lutava para se desvencilhar. Após essa brincadeira, junto com as crianças da Aldeia, os alunos foram tomar banho no rio Javaés, retirando o barro do corpo e refrescando-se do calor (Foto 8).

Em seguida, foi realizada uma partida de futebol das alunas do IFTO *Campus* Avançado Formoso do Araguaia contra as crianças da Aldeia. Apesar de as alunas serem adultas, perderam de goleada para as crianças indígenas. Antes de sairmos, tivemos os corpos pintados pelas indígenas (Foto 9).

Foto 9 – Pintura corporal na Aldeia Boa Esperança



Fonte: Arquivo fotográfico dos autores.

Foto 10 – Palestra ministrada pelo cacique Micael Javaé



Fonte: Arquivo fotográfico dos autores.

Tudo o que foi preparado e executado demonstrou o quanto os indígenas são receptivos e vivem no cotidiano a tradição de sua cultura, seja no cultivo dos alimentos, voltada para a preservação do meio ambiente, seja nas atividades educativas e nas brincadeiras. Compreendemos que naquele universo indígena muitas das ações concorrem para a preservação da memória e busca da afirmação da identidade. Os alunos puderam reconhecer a influência do indígena na formação de sua identidade bem como a importância da presença dele para o município.

Fomos embora extasiados. A visita deixou saudades. No dia seguinte, 18/04, o cacique Micael Javaé visitou o IFTO *Campus* Avançado Formoso do Araguaia para ministrar uma palestra para os alunos do curso Técnico em Informática e para a comunidade externa (Foto 10).

Junto com o filho, o cacique, com flechas e cocar, explica a utilidade de uma cesta produzida com folhas de coqueiro, que é para carregar materiais diversos. Na sequência de sua fala, abriu-se espaço para debate de temas sobre multiculturalismo, educação indígena, preservação identitária e preconceito. Ao final da palestra, o cacique sorteou dois brincos feitos com penas, sementes e linha. Foram momentos de muita aprendizagem e descontração. Em homenagem aos indígenas da Ilha do Bananal, foi apresentada um pequeno vídeo, que está disponibilizado na página <<https://www.youtube.com/watch?v=VUARDG9W46k>>.

Então...

Nessa troca de saberes com as duas comunidades indígenas visitadas pudemos notar que nas aldeias há um movimento de afirmação da identidade através do esforço em se preservar a memória e as tradições dos antepassados. A preocupação maior se dá em relação à preservação da língua. Mas é fato que essas comunidades não estão fechadas para o mundo, pois há um intercâmbio necessário e inescapável com a realidade do *tori* (do homem branco). Nas duas aldeias a presença *tori* se manifesta desde o uso da tecnologia ao modelo dos cortes e cores dos cabelos. É possível encontrar igrejas evangélicas, aparelhos celulares modernos – inclusive fomos adicionados ao grupo de *whatsApp* da aldeia Canuanã –, automóveis, tratores etc. Robson Javaé explica que hoje a preocupação dos líderes é a de criar meios de usar a tecnologia a favor da memória e afirmação da identidade de seu povo. Os alimentos industrializados fazem parte da merenda dos alunos e da despensa de grande parte dos moradores das duas aldeias. O consumo exagerado de bebida alcoólica leva os caciques a proibirem sua entrada nas aldeias. Cacique Micael demonstrou preocupação com a saúde do seu povo, devido ao alto consumo de refrigerantes.

Essa interferência é inevitável, uma vez que as relações socioeconômicas empurram esses

indivíduos para uma mudança em busca de conquista e efetivação de direitos civis e exercício de cidadania. Na escola da aldeia Canuanã, por exemplo, os professores bilíngues possuem curso superior, a maioria graduado pela Universidade Federal de Goiás. Todos os dias indígenas vêm à cidade para fazer serviços de banco, compras, estudar, trabalhar, enfim negociar entre as duas culturas, o que leva a um processo de Tradução, na linha de pensamento de Stuart Hall (2003, p. 88-89, grifos do autor):

Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). As pessoas pertencentes a essas *culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas.*

Os indígenas javaé podem não ter sido dispersados geograficamente de sua terra natal, no entanto, na medida em que são obrigados a negociar com a cultura *tori*, vivem o hibridismo cultural, conseqüentemente dispersando-se do solo cultural, intercambiando sua história. Essa fragmentação identitária leva à angustiante sensação do não pertencimento a nenhum dos lados. Não podemos afirmar se existe alguma relação com este fato, mas hoje o grande número de suicídios de indígenas das aldeias de Formoso de Araguaia-TO é **motivo de** preocupação por parte das lideranças indígenas e do SESAI.

Referências

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20/12/1996**. E alterações pela Lei 11.741/2008. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS. **Regulamento da Organização Didático-Pedagógica do Instituto Federal do Tocantins**. Aprovado pela Resolução nº 38/2013/CONSUP/IFTO, de 20 de agosto de 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS. **Plano operativo de prevenção e combate aos incêndios florestais** - município de Formoso do Araguaia (TO). Gurupi, nov. 2013.

SIQUEIRA, Divino Allan. **Nação Ilha do Bananal** - Gurupi: Lógica, 2013. v. 2. (Série Retratos do Tocantins).